

# ***Perdido no desfiladeiro***

Por quanto tempo  
seria capaz de  
sobreviver na mata  
gelada?

BOB TREBILCOCK

**D**ANNY COATES-FINKE, de 4 anos, observou a colina arborizada. Os olhos castanhos se abriram diante das árvores retorcidas. Viu o pai entretido, conversando com a irmã, Emma, 6 anos. *Tenho tempo para brincar na mata*, pensou. E correu em direção ao bosque fechado.

Era quase meio-dia daquele sábado, 23 de março de 1996, com tempo claro e temperatura de cerca de 10 graus no *canyon* de Knife Hill – lugar isolado, mas ideal para passeios. Apesar disso, os pais de Danny tinham-no vestido com o casaco de inverno, vermelho e amarelo, para abrigá-lo dos fortes ventos.

Bruce Finke, 35 anos, e a esposa Beth Coates, 36, ambos médicos, adoravam levar os quatro filhos para aquela região da Reserva Indígena de Zuni, Novo México. Trabalhavam para o Serviço de Saúde dos Índios. Mudaram-se para Zuni Pueblo, maior cidade da reserva, depois do final da residência médica. Gostavam de explorar a região, repleta de mesetas – colinas de topo achatado cercadas pelos paredões recortados dos *canyons* – e seus fundos ribeiros chamados arroios. Era terra vasta e traiçoeira, dotada de beleza estonteante.

– Vamos, Emma – chamou Bruce. – É hora de voltar para casa.



*O pequeno Danny (à esquerda) se viu envolvido pelas belas – porém traiçoeiras – colinas de pedra do Novo México*

Cem metros montanha abaixo Beth esperava na caminhonete da família com os gêmeos de quase dois anos, a amiga chamada Mary Louise, além de Gordon e Christine Gallagher, primos de Bruce.

– Mas papai, ainda não estou pronta – reclamou Emma.

– Estamos famintos – respondeu Bruce, olhando em torno, à procura de Danny.

Não viu o filho. Bruce desceu rapidamente até o carro. Beth também não avistara Danny.

– Ele ainda deve estar lá em cima – supôs.

Até pouco tempo, o menino não era sequer capaz de ir ao banheiro sozinho. Nenhum dos dois podia imaginar que ele se aventuraria a ir para longe dali.

Bruce, Beth e Gordon correram de volta para o alto da colina. Chamaram Danny, mas o vento assobiava entre as árvores. Os três se separaram e vasculharam a meseta por meia hora, sem sucesso. Beth lutava para manter a calma.

– Acho que devemos buscar o Grupo de Busca e Resgate – disse Beth.

Mary, que tinha vindo no próprio carro, saiu em busca de socorro. Beth levou Christine, Emma e os gêmeos para casa, e voltou correndo para o desfiladeiro.

Bruce olhou o relógio. Passava de 1 da tarde. Quando anoitecesse, faria muito mais frio. Não sabia, porém, que forte nevasca cairia com a noite. Ele e os outros continuaram a busca frenética, mas os gritos por Danny eram levados pelo vento feroz.

Lá pelas 2 horas, a notícia de que Danny estava perdido no *canyon* já se espalhara em Zuni Pueblo. O primeiro a chegar lá foi Roger Jensen, gerente florestal que trabalhava no Departamento de Assuntos Indígenas. Emma era amiga de sua filha, por isso Roger conhecia Danny muito bem. Além disso, tinha experiência nas matas do lugar. Subindo com rapidez até a meseta, entrou no bosque fechado.

Enquanto isso, mais de vinte amigos de Bruce e Beth tinham montado um acampamento-base e começado as buscas. Infelizmente, as pegadas de Danny sobre galhos de pinheiros e folhas secas estavam difíceis de ser seguidas. Os mapas da região eram pouco detalhados e os rastreadores mais experientes se encontravam a horas de distância dali.

E pior: todos sabiam dos muitos danos que podiam ocorrer a uma criança pequena naquela situação. Danny podia cair no leito cavernoso de um arroyo, fundo o suficiente para engolir uma caminhonete. Podia ser atacado por um coioote ou leão da montanha. Talvez se passassem meses até que o corpo fosse encontrado.

*Por quanto tempo um garoto de 4 anos poderia sobreviver na mata? Era o que Bruce se perguntava, tentando conter as ondas de pânico.*

DEPOIS DE OLHAR de perto o arbusto, Danny se virara para ir ao encontro da família. Entretanto, ficara diante de uma confusão de árvores e rochas. Atravessara a colina de onde pensava que seria capaz de avistar o carro. Não havia nem sinal dele. Sentindo que es-

tava perdido, decidiu prosseguir. *Tenho de continuar*, pensou, *porque assim meus pais vão encontrar-me.*

Em pleno topo achatado da meseta, Danny, diante de uma bifurcação, tomou a trilha da esquerda. Às vezes, virava para um lado e depois para o outro. Os dedos começaram a queimar com o frio. Procurou esquentá-los, enfiando as mãos nos bolsos, enquanto seguia em frente, tentando ignorar a dor.

JENSEN LOGO AVISTOU o que pareciam ser pegadas de uma criança, 800 metros mata adentro. Percebeu que as marcas iam na direção noroeste, mas depois desapareciam. Jensen comunicou-se por rádio com a base para falar da descoberta.

Uma hora depois, às 4 da tarde, voluntários encontraram várias pegadas na ponta leste da meseta. Essas marcas sugeriam que Danny andava em direção ao norte e leste do acampamento-base. Sentiram que estavam chegando perto do menino.

Nem Bruce nem Beth ficaram sabendo do achado de Jensen. Tampouco os encarregados do acampamento. Se os que organizaram a busca tivessem obtido a informação, teriam concentrado os esforços em ambas as direções. Mas a chance de fazê-lo desapareceu completamente quando pesadas nuvens se acumularam no céu. Às 17 horas, o desfiladeiro encontrava-se coberto de neve.

QUANDO A NEVE começou a acumular-se, Danny já havia caminhado mais de dois quilômetros a partir de onde se perdera dos pais. O menino

encontrou uma área protegida por arenito, e ali se deitou. O estômago roncava. Havia comido apenas um *waffle* no café da manhã. Apanhou um pouco de neve e pôs na boca.

*Gostaria que Emma estivesse aqui*, pensou, enquanto se lembrava do quarto confortável que dividia com a irmã. Tinha vontade de chorar, mas não ousava fazê-lo. *Sei que estão procurando por mim e, se eu chorar, não vou conseguir vê-los.* Logo adormeceu.

A NEVE SÓ PAROU de cair na manhã de domingo. Porém, o vento gelado continuou soprando com força. Durante a noite, a temperatura havia caído para 7 graus negativos. Agora, centenas de pessoas participavam da busca: amigos, parentes, bombeiros, policiais, cães farejadores e agentes de busca e resgate. Ao todo, 46 órgãos foram mobilizados.

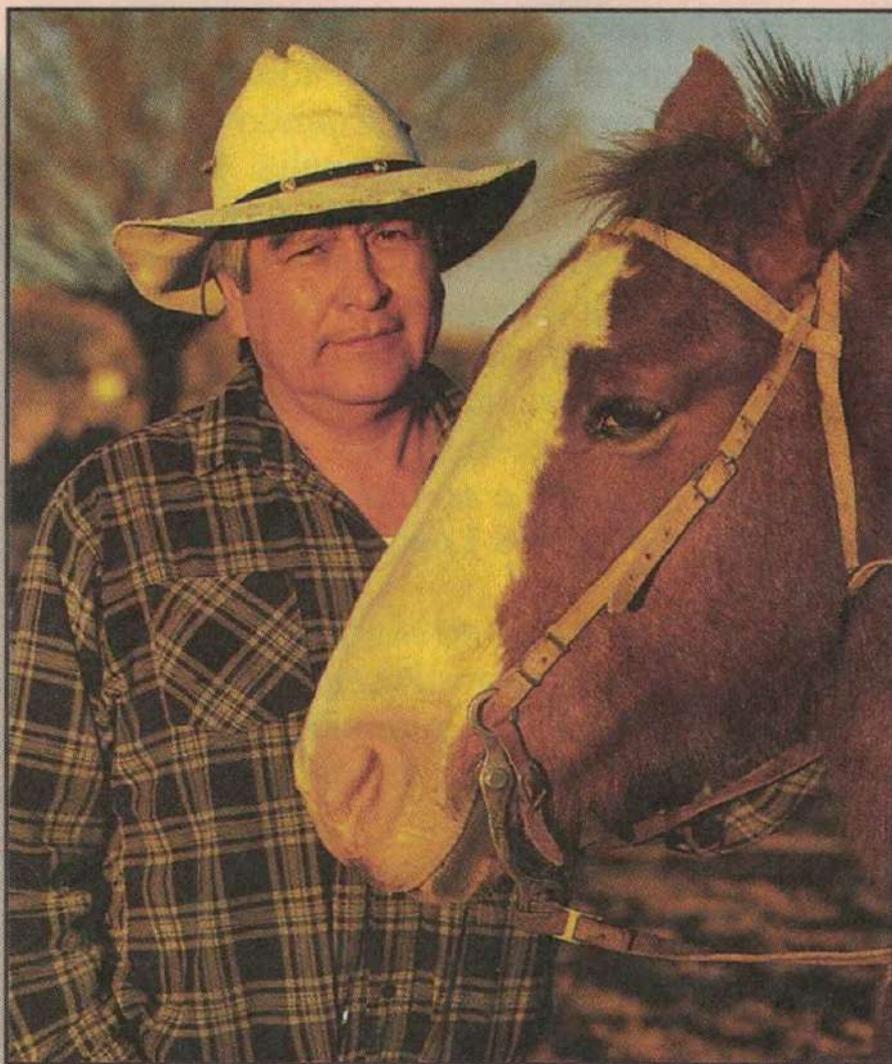
*Não pode estar tudo acabado para Danny*, pensava Beth, exausta, não aceitando o pior. Mas a realidade era inegável. O filho desaparecera havia 18 horas. Agarrando-se ao ombro de Bruce, caiu em prantos.

DE VOLTA A ZUNI PUEBLO com o gado que havia levado para a pastagem, Samuel Quam ficou sabendo do desaparecimento de Danny.

– Conheço o coitadinho – contou à mulher. Quam, homem sólido, de 40 e poucos anos, era o supervisor dos serventes no hospital.

Conhecia cada palmo do desfiladeiro de Knife Hill por causa das caçadas e das saídas com o rebanho.

– Você deveria ir lá – disse a mu-



*Experiência e instinto guiaram Samuel Quam na busca por Danny*

lher. Ele concordou, enquanto observava o próprio filho brincando. Rapidamente, selou o cavalo, pegou água e frutas para Danny, e saiu.

Quando chegou ao acampamento-base, pouco depois das 9 da manhã, viu que dezenas de pessoas participavam das buscas na montanha. *Ele não está lá*, pensou. *Com tanta gente procurando, se estivesse, já teria sido encontrado.*

Correu em direção ao topo da meseta, onde um membro da equipe de resgate lhe contou sobre as pegadas encontradas na parte nordeste. Quam achou as marcas e seguiu-as até a bifurcação. De lá, virou na direção oeste.

O instinto fez com que se dirigisse à região do *canyon* Pescado, ali perto. Sabia que aquele era o único lugar onde Danny poderia ter conseguido abrigo.

NO FIM do segundo dia, Bruce e Beth já começavam a perder as esperanças. Queriam desesperadamente acreditar que Danny ainda vivia, mas a experiência que tinham como médicos era um entrave. O menino não poderia ter mais do que algumas horas de vida. *O organismo de Danny deve estar entrando em colapso pela falta de alimentos e líquidos*, preocupava-se Beth, *e a temperatura do corpo caindo.*

– Talvez não volte – desabafou Bruce afinal, arregalando os olhos.

– Eu sei – concordou Beth, num sussurro. O casal se abraçou. Não havia mais nada que pudessem fazer.

Em dado momento, uma amiga do hospital apareceu correndo.

– Vocês ouviram? – perguntou, com grande excitação. – Encontraram novas pistas.

Beth pediu que ficasse calada. Tentava controlar-se ante a possibilidade de perder o filho, e não poderia suportar outra dose de falsa esperança.

QUAM SEGUIU a trilha que levava ao

desfiladeiro de Pescado até que, já no fim da tarde, encontrou uma pegada bem nítida de pouco mais de dez centímetros. Marcou o lugar e voltou rapidamente para a base. Chegando lá, soube que os trabalhos eram agora coordenados por um velho amigo, Jason Flesher, orientador do Grupo de Busca e Resgate de Novo México.

– Talvez esteja no *canyon* Pescado – disse a Flesher, que já havia decidido procurar naquele local.

Quam prosseguiu a busca. Por volta de meia-noite, ainda sem pista do menino, fez uma prece, pedindo ao Grande Espírito que mantivesse Danny quente e lhe desse coragem para agüentar.

DEITADO NO ESCURO, Danny estava fraco e tremia. Havia passado todo o sábado procurando os pais e comendo neve. Quando se cansou, escalou a vertente de um *canyon* até o lugar onde se encontrava agora, sob uma árvore. A camiseta estava úmida. Tirou o casaco e arrancou a blusa, atirando-a ao chão. Depois, conseguiu subir o fecho do casaco apenas até a metade. Lidar com zíper era algo que ainda não tinha aprendido direito. E as mãozinhas não lhe obedeciam, de tão geladas. Deitado de barriga para baixo, apertou o casaco contra o peito.

Tarde da noite, Danny teve a impressão de ouvir vozes chamando-o. Tentou responder, porém estava cansado demais para falar.

BEM ANTES do amanhecer de segunda-feira, Jason Flesher deu uma olhada

no manual de campo. Das crianças perdidas por mais de 24 horas, 50% morriam, independentemente das condições do tempo. Danny perdera-se na neve há mais de 36 horas.

Justamente nessa hora, Bruce Finke apareceu.

– Quais são as chances dele? – perguntou o pai, transtornado.

Flesher respondeu que ainda havia esperança.

Poucas horas antes, em sua casa em Zuni Pueblo, Andrew Othole estudara os mapas da região. *A única maneira de encontrá-lo é pelo ar*, imaginou. Chefe do Conselho Tribal de Zuni, Othole, 37 anos, queria muito ajudar, pois Bruce Finke cuidara de sua mãe quando ela estava à beira da morte.

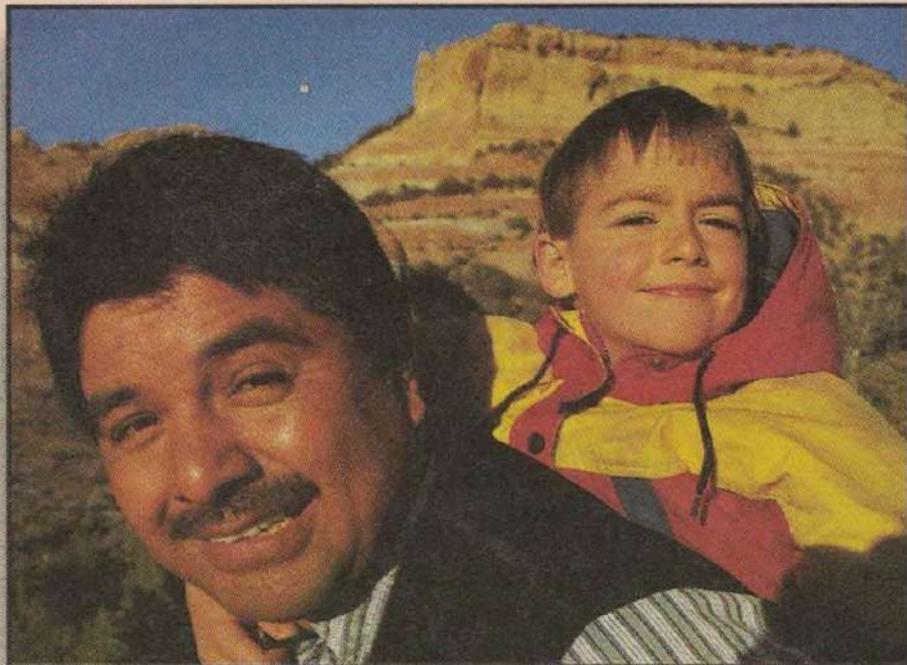
No fim da manhã, Othole conseguiu embarcar num helicóptero da Guarda Nacional. No momento em que sobrevoavam os quatro quilômetros quadrados da parte sul do *canyon* Pescado, o olhar de Othole se fixou num ponto amarelo e vermelho lá embaixo.

– Dê a volta! – gritou.

Depois de descer com o médico, Othole escalou decidido a colina íngreme. Lá em cima, encontrou Danny imóvel, deitado de bruços sobre um toco de madeira. Os olhos do menino estavam fechados e ele não parecia respirar.

Othole sentiu um peso no coração enquanto se aproximava do corpo inerte. Mas logo um dos braços do garoto se moveu. *Ele está vivo!*

– Danny! – Othole chamou, baixinho. Os olhos do menino se abriram devagar. – Você está ferido?



*Danny Coates-Finke é carregado por Andrew Othole, que o encontrou graças ao brilhante casaco amarelo e vermelho em contraste com a neve*

– Estou bem – murmurou. – Comi neve.

Othole envolveu o pequeno com seu casaco e carregou-o para o helicóptero.

– Como foi que você conseguiu chegar lá em cima? – perguntou.

– Eu tentava ir para casa – respondeu o garoto. – Os espíritos me levaram.

*Espíritos?* Othole sorriu. Alguma força inexplicável havia mantido aque-

le menino são e salvo por quase 47 horas. Os espíritos dos ancestrais Zuni, enterrados nos desfiladeiros, certamente eram os responsáveis.

ASSIM QUE recebeu pelo rádio a notícia do resgate, Jason Flesher avisou aos pais de Danny. Atordoados, Bruce e Beth se abraçaram em prantos. Em seguida, foram rapidamente para o hospital esperar a ambulância que trazia Danny.

– Eu o amo tanto! –

Beth repetia sem parar, apertando o rosto pálido do filho.

Danny sorriu feliz.

O estado de saúde dele representava um milagre. A temperatura do corpo era de 31 graus – apenas leve hipotermia. O menino reagiu bem ao receber oxigênio aquecido e soro.

Danny era um garoto de sorte, concordaram os médicos. Não teria sobrevivido mais uma noite nos desfiladeiros.



### **Presente especial**

UM RAPAZ APROXIMOU-SE do balcão de uma grande loja de departamentos para pagar uma peça de lingerie feminina bastante atraente. Meio sem graça, ele disse timidamente ao empregado:

– É um presente de aniversário para minha mulher.

– Simpático da sua parte – comentou o empregado. – Quando é que ela faz anos?

– Não é ela. Sou eu.

A. Scott Clement, EUA